

GUIAS DE ORIENTAÇÃO PARA PAIS E/OU CUIDADORES DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL NA 1ª INFÂNCIA: OPINIÕES SOBRE OS BENEFÍCIOS

GUIDELINE FOR PARENTS AND/OR CARERS OF CHILDREN WITH VISUAL IMPAIRMENT IN EARLY CHILDHOOD: opinions about the benefits

GUÍAS DE ORIENTACIÓN PARA PADRES Y/O CUIDADORES DE NIÑOS CON DÉFICIT VISUAL EN LA 1ª INFANCIA: opiniones sobre los beneficios

Silvana Maria Moura da Silva
Pós-Doutora pela UFSCar.
Universidade Federal do Maranhão.
smouraufma@yahoo.com.br

Maria da Piedade Resende da Costa
Doutora em Psicologia pela USP.
Universidade Federal de São Carlos
piedade@ufscar.br

RESUMO: Os pais e/ou cuidadores são as pessoas que cuidam, interagem e mantêm vínculo afetivo com as crianças com deficiência visual na 1ª infância. São os principais responsáveis por oportunidades estimuladoras, mas nem sempre estão preparados para estimular o brincar de maneira eficiente. Por essa razão esta pesquisa analisou os benefícios proporcionados pelos guias de orientação às crianças com deficiência visual na 1ª infância, aos seus pais e/ou cuidadores quando aplicados com elas nos ambientes familiares por esses genitores. Participaram do estudo seis crianças com deficiência visual que estavam na 1ª infância e nove pais e/ou cuidadores dessas crianças. Foram aplicados testes de acuidade visual e da sensibilidade aos contrastes que mostraram a melhora da acuidade visual e a sensibilidade ao contraste, em alguns casos; em outros casos, houve a aquisição de habilidades de locomoção e equilíbrio dinâmico, o aumento da percepção luminosa, a redução do nistagmo e dos movimentos estereotipados. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com pais e/ou cuidadores que destacaram alguns benefícios gerados às crianças, após a aplicação das orientações, tais como: o aumento da movimentação, a melhora da acuidade visual, a busca e apreensão de objetos utilizando a visão. O estudo revelou também que, para os pais e/ou cuidadores, os benefícios compreenderam desde a importância de saber lidar com as crianças, até a importância de saberem utilizar brinquedos de cores fortes e com contrastes, para estimulação visual e apreensão da criança. A pesquisa apontou que as orientações minimizaram atrasos no desenvolvimento motor e visual das crianças, beneficiando a independência e a autonomia delas. Além disso, mostrou que os pais e/ou cuidadores sentiram-se instrumentalizados a promover avanços no desenvolvimento infantil, a conhecerem as potencialidades das suas crianças, as peculiaridades do desenvolvimento delas, além de reconhecerem a importância da estimulação destas crianças para a independência e a autonomia infantil delas.

PALAVRAS-CHAVE: Deficiência visual. Primeira infância. Orientações. Estimulação. Benefícios. Família.

ABSTRACT: Parents and / or caregivers are people who care, interact and maintains an affective bond with children with visual impairment in childhood 1st. They are primarily responsible for stimulating opportunities, but are not always prepared to stimulate play efficiently, therefore this research examined the benefits provided by the guides of orientation to children with visual impairment in the 1st childhood, their parents and / or caregivers when applied by these parents in family environments. The participants were six children with visual impairments who were in childhood 1st and nine parents and / or caregivers these childrens. Visual acuity and contrast sensitivity tests showed improvement in visual acuity and contrast sensitivity, when were applied in some cases; in other cases, there acquiring skills of movement and dynamic equilibrium, the increase in light perception, the reduction of nystagmus and stereotyped movements. Semi-structured interviews were conducted with parents and / or caregivers that highlighted some benefits to children, after application of the guidelines, such as: increased handling, improvement of visual acuity, search and hold of the objects using vision. The study also revealed that for the parents and / or caregivers, the benefits were in the sense of relating to children and to know the importance of using strong colors and toys with contrasts for hold visual stimulation. The survey indicated that the guidelines minimizes delays in motor and visual development of children, benefiting the independence and autonomy of them. Moreover, it showed that parents and / or caregivers felt exploited to promote advances in child development to know the potential of their children, the peculiarities of their development and acknowledgment the importance of incentive of these children for independence and autonomy.

KEYWORDS: Visual disabilities. Early childhood. Guidelines. Incentive. Benefits. Family.

Artigo recebido em maio de 2014

Aprovado em julho de 2014

RESUMEN: Los padres y / o cuidadores son personas que se preocupan, interactúan y mantienen un vínculo afectivo con los niños con discapacidad visual en la primera infancia. En este contexto, son los principales responsables de la estimulación de las oportunidades, pero no siempre están preparados para estimular el juego de manera eficiente, por lo tanto, esta investigación examinó los beneficios proporcionados por las guías de orientación para niños con discapacidad visual en la primera infancia, de sus padres y / o cuidadores cuando se aplica a ellos por estos padres en ambientes familiares. Los participantes fueron seis niños con impedimentos visuales que estaban en primera nueve hijos y los padres y / o cuidadores de estos niños. En la pesquisa fueron aplicados pruebas de la agudeza visual y sensibilidad a los contrastes que mostrarán una mejoría en la agudeza visual y la sensibilidad al contraste en algunos casos; en otros casos, hubo la adquisición de habilidades de movimiento y equilibrio dinámico, el aumento de la percepción de la luz, la reducción del nistagmo y de los comportamientos estereotipados. Hubo las entrevistas semiestructuradas con los padres y / o cuidadores que destacaron algunos beneficios generados en los niños, después de la aplicación de las directrices, tales como: aumento de los movimientos, mejora de la agudeza visual, buscar y mantenga de los objetos utilizando la visión. El estudio también reveló que, para los padres y / o cuidadores, con los beneficios se dieron cuenta de la importancia de saber cómo tratar con los niños hasta que sepan la importancia de utilizar los juguetes con colores fuertes y contrastes para la estimulación visual y retención infantil. La encuesta indicó que las directrices minimizan los retrasos en el desarrollo motor y visual de los niños, en beneficio de la independencia y autonomía de los mismos. Además, se mostró que los padres y / o cuidadores se sentían instrumentalizados para promover avances en el desarrollo del niño, a conocer el potencial de sus hijos, las peculiaridades de su desarrollo, y reconocer la importancia de la estimulación de estos niños por la independencia y autonomía infantil de ellos.

PALABRAS CLAVE: Discapacidad visual. Primera infancia. Orientaciones. Estimulación. Beneficios. Familia.

1 | Introdução

A visão é o sentido que mais possibilita a aquisição de conhecimentos, promove avanços no processo evolutivo infantil desde fases mais precoces, como o 1º ano de vida. É reconhecida como modalidade sensorial mais importante e necessária para o desenvolvimento infantil, conforme Cavalcante (1995). Assim, o 1º ano de vida é um período crítico e sensível para o desenvolvimento visual, de maior plasticidade cerebral, no qual ocorrerem as maiores e mais rápidas transformações (ALVES; KARA-JOSÉ, 1996).

Segundo Rodrigues (2007), a perda da visão não é simplesmente a perda de um sentido isolado, pois ela é responsável pela integração das experiências sensorio-motoras com os demais sentidos na aquisição do conhecimento. É um sistema altamente elaborado e ocupa na organização neurosensorial e neuromotora, o lugar mais hierarquizado.

Cavalcante (1995) e Gonçalves e Gagliardo (1998) relataram que os atrasos neuromotores apresentados pela criança com deficiência visual compreendem habilidades motoras grossas como rolar, engatinhar, deambular; e habilidades motoras finas como agarrar, encaixar, enfiar, enroscar, abotoar, dentre outras. De acordo com Bueno (2003), tais atrasos apresentados por essa criança são decorrentes da ausência ou impossibilidade de utilizar a visão como meio para produzir o movimento; incapacidade de imitar as habilidades motoras das outras pessoas pela impossibilidade de observar os movimentos realizados; insegurança em ambiente estranho e falta de atividades adequadas de estimulação.

Para Masini e Gasparetto (2007), a participação em brincadeiras, jogos corporais e formas adequadas de interação e comunicação com o ambiente podem compensar as limitações ocasionadas pela deficiência visual. Segundo Botega e Gagliardo (1998, p. 46): “a intervenção precoce torna-se um recurso precioso para o processo de desenvolvimento da criança deficiente visual” e os pais quando orientados com programas de estimulação visual, sentem-se instrumentalizados por conhecerem as potencialidades de seus filhos e as peculiaridades do seu desenvolvimento. Motta, Marchiore e Pinto (2008) afirmam que desde idades mais precoces, é necessário oferecer brinquedos que promovam desafios para as crianças com deficiência visual, adaptando-os aos seus interesses, às suas necessidades e às suas capacidades, considerando a etapa de seu desenvolvimento.

Para Bruno e Mota (2001), enquanto a criança está aprendendo a usar a visão é muito importante que sejam colocados no seu campo visual objetos e brinquedos com padrões de alto contraste, de cores fortes, fluorescentes, brilhosos, luminosos; diferentes tipos de iluminação, lanternas, luzes coloridas, painéis coloridos e brilhosos. Além disso, Motta, Marchiore e Pinto (2008) acrescentam que é necessário propiciar o acesso da criança com deficiência visual a materiais e brinquedos, que favoreçam a percepção multissensorial infantil, ou seja, brinquedos que estimulem e favoreçam a integração entre os sentidos da visão, tato, audição, propriocepção para promover o desenvolvimento integral e diminuir as lacunas encontradas nestas crianças.

Os pais e/ou cuidadores são as pessoas que mais cuidam, interagem e mantêm vínculo afetivo com as crianças que apresentam deficiência visual na 1ª infância. Entretanto, Motta, Marchiore e Pinto (2008, p. 141) dizem:

Nem sempre as pessoas com quem essas crianças interagem estão preparadas para estimular esse brincar de maneira eficiente. A utilização de um brinquedo inadequado à etapa de desenvolvimento na qual a criança se encontra pode provocar mais frustração à criança com deficiência. Dessa maneira, em alguns casos são necessárias adaptações no brinquedo para que se torne viável. Embora não exista o que se chama 'brinquedo para

crianças com deficiência', pois os brinquedos são exatamente os mesmos que qualquer criança usa, às vezes é necessário selecioná-los com mais cuidado, porque precisam ser coerentes com as necessidades e o nível de desempenho da criança.

Por esse motivo, os pais e/ou cuidadores de crianças com deficiência visual na 1ª infância, muitas vezes, precisam ser orientados sobre atividades estimuladoras e os objetivos de tais atividades, para que, de fato, estas atividades sejam utilizadas nas intervenções realizadas nos ambientes familiares, e minimizem atrasos no desenvolvimento motor e visual destas crianças, favorecendo-lhes a independência e autonomia. Neste sentido, a brincadeira pode ser um meio de promover a independência e autonomia de crianças com deficiência visual.

Sobre a importância da brincadeira, Siaulys (2006, p. 4) ressalta que:

A criança que não pode ver as outras brincando, que não sabe brincar junto e não entende as brincadeiras, tende a permanecer isolada em seu canto, podendo ficar marginalizada e ter prejudicado seu desenvolvimento, pois as crianças aprendem a brincar umas com as outras, observando-se mutuamente, movimentando-se juntas, imitando, participando de jogos.

Para favorecer o brincar e a brincadeira dessa criança, o adulto deve estimulá-la a utilizar sua visão residual para explorar e reconhecer os objetos que a rodeiam, aprimorando sua visão para perto. Para isso, deve verificar a condição visual da criança, com o intuito de fazer a adaptação dos materiais e brinquedos, levando em consideração que durante a brincadeira, a criança precisa sentir prazer e aprender a “enxergar”, para que sejam propiciados benefícios para ela. A construção e adaptação de materiais poderão contribuir para o desenvolvimento da eficiência visual da criança, e, assim aprenda e esteja motivada a usar sua visão (MOTTA; MARCHIORE; PINTO, 2008).

Optou-se por realizar as orientações sobre as brincadeiras onde a criança reside, por ser o ambiente imediato responsável pelo desenvolvimento infantil, sobretudo nos dois primeiros anos de vida, considerando que Goldberg, Yune e Freitas (2005) ratificam ao afirmarem que a família é um dos núcleos mais importantes para o desenvolvimento dos indivíduos, porque nesse contexto se processam as relações interpessoais, através das quais a criança tem o primeiro contato com o mundo.

Fuente (2003) recomenda que o programa de orientação seja realizado no próprio domicílio familiar e que o profissional se integre à vida cotidiana da criança e de sua família, como forma de adquirir maior confiança por parte deles, diante das diferentes situações familiares que o profissional encontrará durante a intervenção.

Nesta pesquisa, os pais e/ou cuidadores foram orientados sobre quais atividades (brincadeiras) estimuladoras deveriam realizar com a criança com deficiência visual, nas situações da rotina diária no ambiente familiar e os objetivos delas. Assim, foi importante orientar e envolver a família no processo de estimulação com a criança para que cooperasse, participasse do planejamento e das estratégias estimuladoras nesse ambiente e aprendesse a atender às necessidades da criança. Partindo desses aspectos, esta pesquisa teve como principal objetivo analisar os benefícios proporcionados pelos guias de orientação às crianças com deficiência visual na 1ª infância, aos seus pais e/ou cuidadores quando aplicados com elas nos ambientes familiares por esses genitores.

2 | DESENVOLVIMENTO

Foi realizada uma pesquisa de campo sob a forma de estudo multicaso, observações assistêmicas, observações sistemáticas (estruturadas) e entrevistas estruturadas e semiestruturadas (GONÇALVES, 2005). A pesquisa descritiva compreendeu, principalmente, a descrição das orientações fornecidas aos pais e/ou cuidadores sobre as atividades estimuladoras a serem realizadas com suas filhas com deficiência visual na 1ª infância e seus objetivos. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos do Hospital Universitário da Universidade Federal do Maranhão (CEP/HU/UFMA), através do parecer consubstanciado nº 068/08.

Os sujeitos foram seis crianças do sexo feminino, na 1ª infância, nascidas pré ou a termo, com deficiência visual, sendo três (50%) com cegueira, por catarata congênita (16,67%), má-formação congênita do globo ocular (16,67%) em função de rubéola congênita e amaurose congênita de Leber (16,66%) e três (50%) com baixa visão causada por retinopatia da prematuridade - as crianças não apresentavam outra(s) deficiência(s) associada(s).

As crianças foram selecionadas no Hospital Universitário Materno Infantil, em São Luís-MA e identificadas de 1 a 6. Os nove cuidadores foram identificados por números de 1 a 9, sendo que oito (88,88%) deles eram do gênero feminino e apenas um (11,12%) do masculino, com idades variadas; a mais nova cuidadora tinha 17 anos; a com mais idade 48 anos, sendo a média de idade entre eles de 28 anos. Em relação ao grau de parentesco dos cuidadores com as crianças, a maioria (66,67%) correspondia à mãe; outro cuidador (11,11%) era a sua madrinha e outro (11,11%), o pai da criança.

Os pais e/ou cuidadores participaram ativamente do processo de estimulação precoce com suas filhas, realizando atividades estimuladoras com elas nas situações da rotina diária, no próprio ambiente familiar. Assim, foi importante orientar e envolver a família no processo de estimulação com a criança para que cooperasse, participasse do planejamento e das estratégias estimuladoras desta criança, neste ambiente, e aprendesse a atender às necessidades da criança, conforme enfatiza Bruno (2004).

Os guias de orientação foram elaborados para cada ambiente familiar estudado, baseados na abordagem centrada na família, cuja intervenção realizada não focalizou somente a criança, mas a sua família por haver uma influência mútua entre todos os membros. Os pais e/ou cuidadores foram envolvidos no processo de intervenção por serem os responsáveis pelos cuidados e estimulações das crianças (McWILLIAM; WINTON; CRAIS, 2003).

Conforme esses autores, é necessário identificar as prioridades da família, segundo a percepção dos pais ou tutores em relação aos aspectos importantes para seus filhos ou para toda a família, uma vez que as prioridades podem diferir de uma família para outra. Seguindo esta orientação, antes das intervenções efetivadas pelas pesquisadoras para que os guias de orientação fossem elaborados e implementados em cada ambiente familiar, foram identificadas as prioridades e as necessidades das famílias e das crianças estudadas durante as visitas domiciliares, através da observação das oportunidades de estimulação nas situações de rotina diária. Foi utilizado, para isso, o Roteiro de Observação das Oportunidades no Lar para o Desenvolvimento Motor da Criança com Deficiência Visual (AHEMD-DV) proposto por Silva (2009).

Ao identificar as prioridades de cada família, as pesquisadoras:

- a) planejaram e efetivaram orientações gerais sobre a deficiência visual;
- b) identificaram os atrasos neuromotores nas crianças com deficiência visual;
- c) descreveram o que os pais e/ou cuidadores deveriam fazer para melhorar o desenvolvimento dessas crianças e estimularem a visão delas.

Assim, foram pontuadas orientações específicas sobre como estimularem a criança com deficiência visual durante as situações de rotina, os objetivos das atividades estimuladoras, o uso de cores mais adequadas e os brinquedos adaptados a serem utilizados nas brincadeiras. Incluíram, também, orientações específicas sobre temas voltados para as aquisições de habilidades do desenvolvimento neuromotor e das funções visuais, indicação das cores e dos brinquedos para estimulação da visão remanescente e o aumento da percepção luminosa; confecção e adaptação de brinquedos às necessidades das crianças com deficiência visual. Esta organização baseou-se nas respostas da anamnese, nas primeiras avaliações (acuidade visual, sensibilidade aos contrastes e funcional da visão) e nas primeiras observações sistemáticas do desenvolvimento neuromotor infantil e das oportunidades estimuladoras presentes no ambiente familiar infantil.

Os guias de orientação apresentam dois blocos: Bloco 1, composto por orientações gerais sobre a deficiência visual, os atrasos ocasionados por ela e o que os pais e/ou cuidadores deveriam fazer para melhorar o desenvolvimento da criança com deficiência visual, como estimularem a visão e evitarem a passividade dessa criança; Bloco 2 traz orientações específicas sobre como estimular a criança com deficiência visual nas situações de rotina, os objetivos das atividades, o uso de cores mais adequadas e de brinquedos adaptados a serem utilizados nas brincadeiras. As orientações fornecidas aos pais e/ou cuidadores foram baseadas em:

- a) kit com brinquedos e brincadeiras para crianças normais com as adaptações que se fizeram necessárias (PÉREZ-RAMOS; PERA; MAIA, 1995);
- b) sugestões ou manuais sobre brincadeiras e brinquedos adaptados para crianças com deficiência visual (BRUNO; MOTA, 2001; SIAULYS, 2006).

Empregaram uma linguagem acessível no trabalho de orientação com os pais e/ou cuidadores para facilitar o entendimento dos conteúdos dos guias, seguindo as recomendações de Gagliardo e Nobre (2001). Tiveram como referência as características e as necessidades de cada criança, enquanto as orientações específicas consideraram os contextos socioeconômico e cultural nos quais estavam inseridas. As orientações tiveram a duração de cinco meses, com cada criança, ocorriam duas vezes por semana, em sessões individuais, com duração média de 90 a 120 minutos, conforme dias fixos e previamente agendados, incluindo treinamento para confecção de brinquedos adaptados à deficiência visual e acompanhamento das atividades pelas pesquisadoras. Nesse acompanhamento, era verificado se as orientações fornecidas estavam sendo efetivadas e, também, eram identificadas as dificuldades encontradas. Na ocasião, foram fornecidas outras orientações para facilitar a compreensão das orientações e aplicação com as crianças.

Para efetuar as orientações, as pesquisadoras utilizaram a seguinte metodologia: primeiro explicavam as atividades estimuladoras aos pais e/ou cuidadores, seus objetivos e que brinquedos deveriam usar; depois realizavam as atividades estimuladoras com as crianças e, por último, solicitavam que os pais e/ou cuidadores repetissem o que foi explicado. Ressalta-se que as duas visitas semanais eram utilizadas para orientar os pais e/ou cuidadores, bem como para tirar as dúvidas deles. Na explicação sobre os brinquedos, destacava-se a importância da estimulação visual para as crianças, utilizando aqueles de cores vibrantes, os padrões de alto contraste (preto-branco, preto-amarelo, preto-vermelho, amarelo-vermelho, roxo-amarelo), brilhosos, luminosos, apropriados à idade e ao estágio de desenvolvimento infantil, conforme a reação visual.

As sessões de orientação com os pais e/ou cuidadores das seis crianças da pesquisa foram gravadas e descritas, seus conteúdos sistematizados por temas trabalhados durante as orientações realizadas. Para que os pais e/ou cuidadores tivessem as condições mínimas e realizassem com suas filhas as orientações recebidas, foram montados kits individuais de brinquedos e

doados a eles. Ao final da pesquisa foram entregues guias individuais de orientação para cada pai (mãe) e/ou cuidador com o objetivo de continuarem realizando as atividades estimuladoras com as crianças, além de compreenderem materiais de consulta, caso surgisse alguma dúvida posterior à intervenção das pesquisadoras. Os guias são explicativos, ilustrados e com linguagem simples das principais orientações realizadas nos ambientes familiares.

Finalizando em média cinco meses, depois da aplicação das orientações pelos nove pais e/ou cuidadores, foram realizadas com eles entrevistas semiestruturadas nos ambientes familiares, em dias e horários previamente agendados. Os dados dessas entrevistas mostraram os benefícios das orientações para as crianças com deficiência visual, seus pais e/ou cuidadores.

Para Rosa e Arnoldi (2006), a entrevista representa uma das técnicas de coleta de dados, em que o pesquisador de forma racional, completa e previamente estabelecida, obtém com eficácia um conteúdo sistemático de conhecimentos, empreendendo um mínimo de tempo. Para registrar os dados coletados com os pais e/ou cuidadores das crianças pesquisadas, as entrevistas foram gravadas na íntegra, a partir da assinatura, pelos pais e/ou cuidadores, do termo de consentimento livre e esclarecido.

As entrevistas semiestruturadas foram transcritas literalmente, respeitando-se as recomendações de Rosa e Arnoldi (2006, p. 61-66): “Quanto mais completos e fiéis forem os protocolos e as suas transcrições, maiores as possibilidades de realização de uma análise de alto nível”. Empregou-se o sistema de análise qualitativo para “apreender o caráter multidimensional dos fenômenos em sua manifestação natural, bem como captar diferentes significados de experiências vividas”.

O quadro 1 mostra as orientações gerais fornecidas aos pais e/ou cuidadores sobre como estimularem o desenvolvimento visual e neuromotor das crianças pesquisadas, respeitando-se a linguagem de cada família.

Quadro 1 - Orientações gerais dadas aos pais e/ou cuidadores das crianças pesquisadas conforme suas linguagens

ORIENTAÇÕES GERAIS NA LINGUAGEM DOS PAIS E/OU CUIDADORES
Faço tudo para que minha criança com baixa visão participe do convívio familiar e social, falando tudinho para ela não perder nenhum detalhe e melhorar interação com o meio.
Procurro sempre aproveitar o cotidiano com brincadeiras interessantes para ela se divertir.
Mantenho contato visual com a minha criança, mesmo que enxergue pouco para que ela não fique com medo e pense que está sozinha. Falo muito com ela e mantenho contato corporal.
Procurro brincar com a minha criança em situações da rotina diária. É sempre muito divertido e ela melhora o seu desenvolvimento.
Quando estou com minha criança, canto para ela ouvir minha voz para que não fique com medo. Converso muito com ela, contando tudinho o que se passa, aumentando desse modo meu vínculo afetivo.
Converso com minha criança, explicando tudinho que vou fazer com ela, antes de dar banho, durante as refeições e na hora de colocá-la para dormir. Ah, ela adora saber de tudinho.
Apreendi que mesmo a minha criança tendo visão residual, é importante brincar sempre com ela. Os objetos e brinquedos devem ser os de cores fortes, com altos contrastes, brilhosos e luminosos para aumentar o resíduo visual. Com isso, ela vai enxergar mais e o olhinho dela não vai mais tremer. Irá aprender a utilizar a visão para enxergar o mundo colorido e maravilhoso em que vivemos.
Para mim, a minha criança deve conquistar a independência e a autonomia. Por isso, precisa vencer os desafios. Então, ajudo um pouquinho, só um pouquinho, sem exagero.

Quadro 1 - Orientações gerais dadas aos pais e/ou cuidadores das crianças pesquisadas conforme suas linguagens (cont.)

Fico sempre de olho no relógio para não parar no tempo e esquecer da rotina de minha criança. Realizo todas as situações de rotina no horário certinho. Assim, ela fica mais segura...
Quando percebo que minha criança faz uns movimentos estranhos com a cabeça, mexe nos olhinhos dela e fica se balançando é hora de interagir e brincar mais com ela. Sei que não gosta de ficar parada.
Observei que minha criança pelo fato de ter uma deficiência visual e não enxergar direito, é um pouco mais atrasada para fazer alguns movimentos como rolar, engatinhar, andar. Ah, ela demorou para agarrar, soltar, empilhar e encaixar objetos.
Apesar de minha criança enxergar pouco, preciso interagir olho a olho com ela e criar situações para que utilize sua visão residual.
Minha criança era bem novinha quando percebi que tinha um probleminha visual: não pegava e não seguia com os olhos os objetos. Busquei orientação para estimular a visão residual dela com atividades diárias simples como, por exemplo, durante o seu banho, durante a sua alimentação, a sua troca de roupa e, também, com brinquedos e brincadeiras simples e interessantes. Puxa, como me surpreendi com ela!
Pensava que as crianças quando nasciam enxergavam tudinho sem precisar de estimulação visual. Ah, como me enganei! Hoje, eu sei que para minha criança com problema visual veja melhor é preciso colocar objetos e brinquedos de cores fortes, de alto contraste, brilhosos e luminosos na sua frente.
Ficava me perguntando: a minha criança não se movimenta por quê? Reparava que as outras crianças, que enxergavam bem, imitavam os mesmos movimentos dos amiguinhos. A minha não. Então, passei a ficar todo o tempo com ela, pra lá e pra cá, sem parar um minuto, dando uma ajudinha. Ela adorou e passou a se movimentar mais.
No início, confesso que brincava com minha criança sem vontade, só por brincar. Ela nem me olhava. Percebi que ela não gostava de brincar comigo. Não dava muita atenção pra ela. Mudei tudinho. Hoje, busco brincadeiras superinteressantes para ela aprender o que é importante para ela. Puxa! Agora na nossa família ela não perde nenhum detalhe, ficando bem atenta, conhecendo todos da casa. Quando for para a escola participará de tudinho. Ah, eu aprendi quais os brinquedos adaptados, quais brincadeiras e as melhores cores e contrastes para estimular a visão de minha criança.

Fonte: Silva (2009)

As orientações específicas (bloco 2) compreenderam a confecção e adaptação de brinquedos ao problema visual da criança e às suas necessidades; a indicação das cores mais adequadas dos brinquedos para estimulação da visão; a estimulação da visão remanescente no caso de baixa visão; a postura e equilíbrio estático; ficar de pé com e sem apoio; as mudanças de decúbito; os padrões posturais básicos; a locomoção e equilíbrio dinâmico; as coordenações óculo-manual, óculo-motriz e visocefálica; a preensão voluntária palmar; a preensão em pinça; a exploração do corpo; as funções visuais básicas e visomotoras; a interação da criança com seu cuidador principal e com os objetos; a estimulação dos sistemas tátil-cinestésico, vestibular e proprioceptivo para promover independência e autonomia da criança com deficiência visual nas situações da vida diária, sobretudo, brinquedo e banho.

O quadro 2 mostra as orientações gerais aos pais e/ou cuidadores das crianças pesquisadas sobre como estimularem o desenvolvimento visual e neuromotor delas nos ambientes familiares, conforme as linguagens das crianças.

Quadro 2 - Orientações gerais dadas aos pais e/ou cuidadores das crianças pesquisadas nas linguagens das crianças

ORIENTAÇÕES GERAIS NAS LINGUAGENS DAS CRIANÇAS
Brinque e fale sempre comigo. Não me esconda das pessoas e dos meus amiguinhos. Não me deixe isolada, sem passear, sem brincar, só sentadinha no colo dos pais ou de outro cuidador, nem só deitadinha no berço.
Deixe-me brincar à vontade no chão, no colo da mamãe, na banheira e no berço.
Não gosto de sentir medo. Brinque comigo, fique perto de mim, toque meu lindo corpinho e converse comigo.
Quando for me dar banho, comida ou trocar a minha roupa brinque, cante e fale comigo para eu me divertir. No meu soninho adoro canções de ninar e de um aconchego bem gostoso.
Gosto que conversem muito comigo e quero saber de tudinho que vão fazer no banho, nas brincadeiras, quando vou comer ou quando chegar a hora de trocar minha roupinha mesmo que enxergue pouco.
Brinque comigo bem de perto com objetos e brinquedos de cores fortes, com alto contraste, brilhosos e luminosos. Ah!!! Vou ver melhor! Meus olhinhos vão parar de tremer e irei aprender a usar minha visão!
Não faça as coisas por mim. Ajude-me um pouquinho quando tiver dificuldades nas minhas atividades e nos meus movimentos. Deixe eu ficar perto de vocês, no ambiente familiar para facilitar a minha aprendizagem minhas melhores oportunidades de desenvolvimento. Assim, vou vencer os desafios, ser independente.
Nunca esqueça de manter todos os dias os meus horários de brincar, comer, tomar banho, trocar a roupa e dormir, senão vou ficar perdadinha no tempo e insegura. Posso ficar com medo e com vontade de chorar!
Não gosto de ficar sem me movimentar. Brinque comigo e me ensine as coisas. Vou aprender rapidinho e deixar de balançar meu lindo corpinho e minha cabeça, de agitar meus braçinhos e de apertar meus olhinhos.
Por causa do meu probleminha de visão não posso ficar atrasada para rolar, engatinhar, andar, agarrar, encaixar, enfiar, enroscar, abotoar e outras coisinhas mais. Coloque-me no chão para brincar.
Mesmo que minha visão remanescente, nunca deixe de me mostrar os objetos e os brinquedos de cores fortes, os luminosos, com duas cores de alto contraste, brilhosos e luminosos. Se você me mostrar tudinho que está ao meu redor, o meu rendimento visual poderá ser maravilhoso.
Se você estimular a minha visão residual enquanto sou bem novinha, com brincadeiras que gosto e que consigo fazer, posso ter o desenvolvimento esperado para os meses ou aninhos que tenho.
Eu não nasci enxergando, mas quero aprender a utilizar minha visão e ver do meu jeito. No meu dia a dia brinque sempre comigo. Os objetos e brinquedos de cores fortes, de alto contraste, brilhosos e luminosos ajudarão meus lindos olhinhos a enxergarem melhor.
Se apresento atrasos nos meus movimentos é porque tive poucas oportunidades para brincar e, também, por não consegui usar minha visão. Por não ver meus amiguinhos rolares, engatinharem, andarem e pintarem o sete, fico quietinha ou movimento minha cabeça sem parar, apertando e tremendo meus olhinhos.

Fonte: Silva (2009)

Quadro 2 - Orientações gerais dadas aos pais e/ou cuidadores das crianças pesquisadas na linguagem das crianças (cont.)

ORIENTAÇÕES GERAIS NAS LINGUAGENS DAS CRIANÇAS
Adoro participar de tudinho que acontece na minha família e com meus amiguinhos da vizinhança. Portanto, papai, mamãe, vovó, titia, babá, vocês precisam escolher os brinquedos e brincadeiras adaptados ao meu problema visual. Não esqueçam dos brinquedos de cores fortes, de alto contraste, brilhosos e luminosos. Quero aprender, rapidinho, coisas interessantes! Não me escondam nadinha, viu?
Eu não nasci enxergando. Quero aprender a utilizar minha visão e ver do meu jeito. No meu dia a dia brinque comigo. Os objetos e brinquedos de cores fortes, de alto contraste, brilhosos e luminosos ajudarão meus lindos olhinhos a enxergarem melhor.
Se apresento atrasos nos meus movimentos é porque eu tive poucas oportunidades para brincar e, também, não consigo usar minha visão. Por não ver meus amiguinhos rolares, engatinharem, andarem e pintarem o sete, fico quietinha ou movimento minha cabeça, meus olhinhos tremem e aperto meus lindos olhinhos.
Gosto de participar de tudinho que acontece na minha família, com meus amiguinhos da vizinhança. Para isso, papai, mamãe, vovó, titia, babá precisam escolher os brinquedos e brincadeiras adaptados ao meu problema visual. Não esqueçam dos brinquedos de cores fortes, de alto contraste, brilhosos e luminosos. Quero aprender coisas interessantes. Rapidinho Não me escondam nada, viu?

Fonte: Silva (2009)

Essas orientações gerais fornecidas aos pais e/ou cuidadores podem ser utilizadas para outro público como os profissionais das áreas da saúde e da educação. Por esse motivo, foram transcritas para a linguagem científica. O quadro 3 compreende as orientações gerais aos pais e/ou cuidadores das crianças pesquisadas sobre como estimularem o desenvolvimento visual e neuro-motor delas, conforme a linguagem científica direcionada para profissionais das áreas da saúde e da educação.

Quadro 3 - Orientações gerais dadas aos pais e/ou cuidadores das crianças pesquisadas, conforme a linguagem científica para profissionais da saúde e da educação.

ORIENTAÇÕES GERAIS NA LINGUAGEM CIENTÍFICA
Integre a criança no convívio familiar/social. Brinque e fale sempre com ela. Não a esconda e nem a deixe isolada, em um canto, sentadinha no colo dos pais e/ou responsáveis ou deitadinha no seu berço/rede.
Promova ricas e variadas atividades e experiências no cotidiano da criança.
Mantenha contato corporal seguro com a criança durante as brincadeiras para que ela não fique com medo.
Aproveite as situações da rotina diária para estimular e interagir com a criança.
Cante, interaja e converse com a criança, relatando as ações realizadas com ela.
Antecipe os acontecimentos para a criança, principalmente aqueles aos quais ela vai ser submetida, momentos antes de ocorrerem o banho, a alimentação, a troca de roupa.
Exercite o uso da visão residual com objetos e brinquedos de cores fortes, com altos contrastes, brilhosos e luminosos para aumentar o resíduo visual, melhorar a acuidade visual, diminuir o nistagmo e ensinar a criança a utilizar a visão
Estimule a independência e a autonomia da criança desde ações mais simples como deixa-lá alcançar e pegar objetos, não os colocando em suas mãos.

Quadro 3 - Orientações gerais dadas aos pais e/ou cuidadores das crianças pesquisadas, conforme a linguagem científica para profissionais da saúde e da educação (cont.)

Mantenha as rotinas da criança bem estabelecidas, ajudando-a a adquirir noções de tempo (fatos cotidianos) e promovendo-lhe maior segurança.
Evite os maneirismos da criança, realizando brincadeiras para distraí-la e diverti-la.
A deficiência visual pode ocasionar atrasos em habilidades motoras grossas como rolar, engatinhar, deambular e nas habilidades motoras finas como agarrar, encaixar, enfiar, enroscar, abotoar dentre outras.
Estimule ao máximo a visão remanescente de uma criança por mais pobre que seja. Nunca deve ser poupada. Pelo contrário, quanto mais a criança utilizar a visão, quando mais for motivada a utilizá-la, maior será a probabilidade de melhorar o seu rendimento visual.
Exercite a visão residual da criança, o mais cedo possível para que atinja o máximo de desenvolvimento, através de atividades estimuladoras interessantes e adequadas às suas necessidades e potencialidades.
A capacidade de ver não é inata e nem automática, ela é aprendida, desenvolvendo-se na medida em que a criança recebe estimulação visual com objetos e brinquedos de cores fortes, de alto contraste, brilhosos e luminosos, bem como utilize a visão no seu dia a dia.
A ausência ou impossibilidade de a criança utilizar sua visão como meio de se movimentar; as escassas oportunidades estimuladoras para que ela vivencie as inúmeras possibilidades de movimentar-se pelo ambiente; a incapacidade de imitar as habilidades motoras das outras pessoas pela impossibilidade de observar os movimentos realizados por elas são responsáveis pelos atrasos nas habilidades motoras apresentados pela criança com deficiência visual.
Os pais, os cuidadores e os profissionais precisam proporcionar aprendizagens significativas para a criança com deficiência visual, possibilitando a sua participação na família, na escola e na comunidade com a inserção de brinquedos e brincadeiras adaptados ao seu problema visual.
A deficiência visual pode ocasionar atrasos em habilidades motoras grossas como rolar, engatinhar, deambular; e nas habilidades motoras finas como agarrar, encaixar, enfiar, enroscar, abotoar dentre outras.
Estimular ao máximo a visão remanescente de uma criança por mais pobre que seja e que a visão nunca pode ser poupada ou gasta, pelo contrário, quanto mais a criança utilizar a visão, quando mais for motivada a utilizá-la, maior será a probabilidade de melhorar o seu rendimento visual.
Exercitar a visão residual da criança, o mais cedo possível para que atinja o nível máximo de desenvolvimento, através de atividades estimuladoras interessantes e adequadas às suas necessidades e potencialidades.
A capacidade de ver não é inata e nem automática, ela é aprendida, desenvolvendo-se, conforme a criança recebe estimulação visual com objetos e brinquedos de cores fortes, de alto contraste, brilhosos e luminosos, bem como a criança a utiliza no seu dia a dia.
A ausência ou impossibilidade de a criança utilizar a visão como meio de se movimentar; as escassas oportunidades estimuladoras para que a criança vivencie as inúmeras possibilidades de movimentar-se pelo ambiente; a incapacidade de imitar as habilidades motoras das outras pessoas pela impossibilidade de observar os movimentos realizados por elas são responsáveis pelos atrasos nas habilidades motoras apresentados pela criança com deficiência visual.
Os pais, os cuidadores e os profissionais precisam proporcionar aprendizagem significativa para a criança com deficiência visual, possibilitando a participação da criança na família, na escola, na comunidade com a inserção de brinquedos e brincadeiras adaptados ao seu problema visual.

Fonte: Silva (2009)

Todos os entrevistados apontaram benefícios das orientações recebidas não só para as crianças, como inclusive para eles próprios. Os principais benefícios para a criança compreenderam o aumento da movimentação infantil pelo interesse em buscar e pegar os brinquedos fora do al-

alcance e explorar o ambiente (66,66%), a melhora da acuidade visual (33,33%); o desenvolvimento da busca e preensão de objetos com utilização da visão (22,22), percepção das cores e das diferenças entre os brinquedos (11,11%), a promoção da independência da criança (11,11%) e a percepção luminosa (11,11%).

Esses benefícios foram revelados, por exemplo, nas falas seguintes de alguns entrevistados, em relação ao aumento da movimentação da criança resultante da motivação para pegar os brinquedos fora do seu alcance e para explorar o ambiente (citado por 66,66%):

Bom, beneficiou sim. É, em relação à criança 2, era bem, como é que eu posso dizer, era bem calma, tranquila e em relação ao, ao desenvolvimento dela motor, ela tá praticamente uma espoleta. A gente estimula ela pra cantar, bota um brinquedinho na frente dela e com isso ela vai se atraindo e vai andando é com um pouquinho de medo, mas perto dela dá mais um pouquinho de segurança pra ela. (Mãe da criança 2).
Eu acredito, também, que por ela enxergar pouco, ela não tinha muito movimento. Os movimentos dela melhoraram, ela já faz muita coisa que ela quer, que antes ela mexia mais por acho que instinto, algum por reflexo, alguma coisa assim. (Mãe da criança 6).

Destes depoimentos pode-se inferir que as atividades estimuladoras proporcionadas pelos pais e/ou cuidadores foram responsáveis pelo aumento da movimentação da criança, quando motivada pelo interesse em buscar e pegar os brinquedos fora do alcance e explorar o ambiente. Estas crianças apresentavam atrasos em algumas habilidades neuromotoras, mas mediante a efetivação das orientações fornecidas sobre as atividades estimuladoras e os brinquedos que deveriam ser utilizados, este problema foi sanado.

Esses dados comprovam o exposto por Fuente (2003) ao afirmar que determinados movimentos específicos de cada etapa do desenvolvimento motor normal, não são realizados pela criança com problema visual. Entretanto, a estimulação é muito importante para a aquisição de tais habilidades e os pais são os principais responsáveis em promoverem desafios como alcançar e pegar um brinquedo interessante, colocado no seu campo visual e depois fora do seu alcance.

A melhora da movimentação da criança motivada pelo interesse em pegar os brinquedos fora do alcance e explorar o ambiente foi atribuída ao aumento da acuidade visual verificada em três crianças: 2, 3 e 6, bem como possibilitou a melhora da coordenação óculo-manual, quando as crianças estendiam as mãos para pegarem os objetos que viam e deslocavam-se de um lugar para outro, aumentando, assim, a movimentação delas.

A melhora da acuidade visual por parte das crianças foi apontada por (33,33%) dos entrevistados, cujos depoimentos comprovam tal benefício:

Se desenvolveu bem a vista dela. Mas ela enxerga tudo, graças a Deus. (Pai da criança 3).
Beneficiou, melhorou, o desenvolvimento visual melhorou porque antes minha filha não enxergava muito bem. O olho, o olhinho dela era assim muito torto, o estrabismo dela era muito grande pra o que é hoje, melhorou o visual dela, a visão dela. (Mãe da criança 3).
A gente vê que ela tem mais vontade, enxerga melhor, brinca mais. (Mãe da criança 6).

Além desse aspecto, por estar enxergando melhor, a criança aumentou seu interesse em explorar o meio e em interagir com as pessoas, tornando-se mais ativa. As funções visuais desenvolvem-se rapidamente quando uma criança é estimulada a olhar para os objetos e brinquedos com padrões de alto contraste, de cores fortes, de cores fluorescentes, brilhosos e luminosos, porque aumenta o número de conexões entre as células do cérebro durante o 1º ano, sendo este um período sensível para se estimular a visão infantil (ALVES; KARA-JOSÉ, 1996; BRUNO;

MOTA, 2001).

Outro benefício, para as crianças, foi o desenvolvimento da busca e apreensão de objetos com utilização da visão, apontado por 22,22% dos entrevistados. Os depoimentos revelaram que:

Beneficiou muito, sim. A criança 3 tá bem desenvolvida, já procura e pega os objetos, mexe em tudo o que olha. (Babá da criança 3).
Às vezes a gente senta ela e fica observando ela e ela puxa um brinquedinho aqui, solta e pega outro, coisas que ela não fazia. Muita coisa mesmo que ela já faz. (Mãe da criança 6).

Observa-se que com a melhora da acuidade visual pelas crianças 3 e 6, houve um aumento do interesse em brincar, em buscar e pegar os objetos, considerando que as orientações fornecidas recomendavam que sempre fossem colocados, principalmente, objetos e brinquedos de cores fortes e de alto contraste no campo visual delas, por apresentarem resposta visual à estimulação.

Outros benefícios para as crianças foram citados apenas por cada um dos entrevistados e compreenderam as percepções das cores e as diferenças entre os brinquedos, a promoção da independência da criança e a percepção luminosa. Cada um deles citados por apenas um (11,11%) pai e/ou cuidador correspondendo às falas das mães 2, 4 e 5, respectivamente:

Em questão da visão, ela foi vendo, percebendo que as cores são diferentes, que os brinquedos são diferentes, o contato também, né, ela pega nos brinquedos, ela revira o brinquedo do jeito dela. Ela já percebe que o brinquedo é redondo, que o brinquedo é triangulado, é retângulo e tal. (Mãe da criança 2).

Duas coisas que eu acho principais são a segurança que eu tô tendo nela, a confiança e a independência dela. Que é a coisa principal de tudo é a pessoa ser independente. É isso. (Mãe da criança 4).

Sim o trabalho beneficiou muito a minha filha a buscar os objetos fora de seu alcance, a explorar o ambiente, a melhorar a percepção luminosa. (Mãe da criança 5).

A introdução de brinquedos com atributos diferentes, principalmente, com cores fortes, com contrastes e luminosos no ambiente familiar da criança 2 foi muito importante na exploração dos brinquedos e na identificação de suas diferenças por essa criança, inicialmente, utilizando o tato, depois passou a pegá-los com o auxílio da visão e a locomover-se para pegar os objetos fora de seu alcance.

Quanto ao depoimento da mãe da criança 4, foi notória a diferença de comportamento no início das orientações e no final, em relação à promoção da independência de sua filha por ter adquirido confiança de que esta podia se locomover sozinha, sem interrupção excessiva de sua mãe. Essa mãe foi orientada a deixar sua filha andar sozinha, a não ficar agarrando seu braço ou colocando-a no colo, pois a criança já apresentava equilíbrio para realizar essa habilidade e se orientava bem no espaço do ambiente familiar, sem se machucar ou cair ao chão. Com as orientações fornecidas, a mãe passou a estimular a deambulação da criança sem apoio por toda a residência, procurando retirar os obstáculos existentes que resultassem em machucados. Essas orientações, também, foram ressaltadas por Fuente (2003) ao recomendar que quando a criança já se desloca com autonomia, como por exemplo, deambulando com e sem apoio, os pais e/ou cuidadores devem evitar intervir excessivamente, principalmente, em relação à oferta de objetos e a pegar a criança no colo, impedindo-lhe de agir por si mesma.

A melhora da percepção luminosa pela criança 5, citada por sua mãe, foi realmente um benefício das estimulações realizadas com base nas orientações fornecidas a essa mãe, inclusive a criança passou a fixar objetos e a procurar a luz com suas mãos, apesar de não ter reagido aos

testes de acuidade visual e da sensibilidade aos contrastes. A reação emitida era somente com estímulos luminosos.

Conforme se esperava, as orientações também beneficiaram os pais e/ou cuidadores. Por exemplo, a promoção da segurança deles em saberem lidar com as crianças foi citada por dois (22,22%) deles. Os seus depoimentos compreenderam, respectivamente:

Beneficiou muito, não só a ela, mas a mim também que eu era muito insegura. Eu não sabia como lidar, né, não sabia como lidar. Foi muito importante, foi muito importante mesmo porque eu antes era uma pessoa totalmente insegura. Eu não sabia o que fazer, eu não sabia como lidar com ela. E hoje não, hoje já [...] não sei de tudo, mas sei bastante coisa. Sei muita coisa que pode ajudar ela. (Mãe da criança 4).

Sim, beneficiou e muito porque se a gente não tivesse assim um acompanhamento de uma pessoa especializada, a gente tava praticamente perdida, não ia saber nem por onde começar, não é, porque isso nunca aconteceu na nossa família. (Avó da criança 6).

A mãe da criança 4 e a avó da criança 6 ressaltaram a importância das orientações para elas, no sentido de promoverem a segurança delas em relação a saberem lidar com suas crianças que apresentam a deficiência. Vale ressaltar, que tal insegurança é agravada quando o primeiro filho apresenta deficiência visual, porque os pais nunca tinham enfrentado dificuldades relacionadas aos cuidados de qualquer bebê e muito menos aquelas próprias da deficiência visual. Por esses motivos, as duas mães e a outra cuidadora da criança 6 (sua avó materna) precisaram ser orientadas e encorajadas a aprenderem a cuidar do bebê deficiente visual, incluindo o estímulo ao desenvolvimento motor e visual, ao uso das cores mais adequadas e à utilização dos brinquedos adaptados aos problemas visuais.

A criança 4 era a primeira filha e a criança 6 correspondia à segunda, e neste caso, tanto a mãe como a avó desta criança, por só terem cuidado de uma criança que não apresentava nenhuma deficiência, não sabiam como estimular o desenvolvimento motor e visual da criança 6 com deficiência visual.

A aprendizagem sobre a utilização de brinquedos de cores fortes e com contrastes para estimular a visão e a apreensão da criança foi apontada como benefício para os pais e/ou cuidadores. Como revela o relato feito pela mãe da criança 1: Beneficiou muito, né, ainda mais a parte sobre os brinquedos, que são aqueles de cores fortes, que ajudam ela a enxergar melhor e, também, a utilização do contraste que é pra estimular mais a visão. (Mãe da criança 1). Tal benefício coincide como exposto por Bruno e Mota (2001) ao ressaltarem que é necessário estimular ao máximo a visão infantil remanescente para melhorar sua eficiência visual, aumentar sua acuidade visual e para que fique ciente de sua capacidade visual.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo sendo as pessoas que mais cuidavam, interagiam e mantinham vínculo afetivo com as crianças com deficiência visual na 1ª infância e os principais responsáveis pelas oportunidades de estimulação nesse período etário, os pais e/ou cuidadores não estavam preparados para estimularem esse brincar de maneira eficiente. A maioria deles não tinha ainda recebido orientações sobre quais cores e brinquedos adaptados ao problema visual infantil deveriam ser utilizados nas brincadeiras. Por esse motivo, foram orientados sobre vários aspectos como a importância de observarem a condição visual dessas crianças, com o intuito de fazerem adaptações dos materiais e brinquedos a serem utilizados nas atividades estimuladoras, pois durante a brincadeira as crianças precisam sentir prazer e precisam aprender a “enxergar” para que haja benefícios para elas.

Os guias de orientação elaborados para cada ambiente familiar estudado foram baseados na abordagem centrada na família. A intervenção realizada não focalizou somente a criança, mas a sua família, porque há uma influência mútua entre todos os membros que a compõem. Foi importante empregar uma linguagem acessível no trabalho de orientação com os pais e/ou cuidadores para facilitar o entendimento do conteúdo dos guias e viabilizar a sua aplicação com as crianças com deficiência visual na 1ª infância, por ser um período crítico para o desenvolvimento visual e de maior plasticidade cerebral.

Todos os pais e/ou cuidadores entrevistados apontaram benefícios para as crianças e, inclusive, para eles próprios. Os principais benefícios para a criança foram: o aumento da movimentação infantil pelo interesse em buscar e pegar os brinquedos fora do alcance e explorar o ambiente; a melhora da acuidade visual; o desenvolvimento da busca e apreensão de objetos com utilização da visão. Para os pais e/ou cuidadores, os benefícios foram em menor número, voltando-se, especialmente, para a promoção da segurança deles em saber lidar com a criança. Além da aprendizagem sobre a utilização de brinquedos de cores fortes e com contrastes, visando ao estímulo da visão e da apreensão das crianças.

Acredita-se que a realização e aplicação das orientações nos ambientes familiares das crianças com a participação efetiva dos pais e/ou cuidadores, contribuíram para os benefícios proporcionados às crianças e a seus genitores, pois os ambientes familiares atuaram como mediadores importantes para o desenvolvimento das potencialidades das crianças e para a minimização das limitações impostas pela deficiência visual. Desta forma, houve o fortalecimento das relações afetivas entre pais-criança e cuidadores-criança.

Conclui-se que as orientações fornecidas aos pais e/ou cuidadores de crianças com deficiência visual foram muito importantes pelos benefícios proporcionados a estas crianças em relação à minimização de atrasos encontrados no desenvolvimento motor e visual delas. Estas crianças foram beneficiadas no que tange à independência e à autonomia, em consequência da realização de atividades estimuladoras, da utilização de cores mais adequadas e de brinquedos adaptados ao problema visual e às suas necessidades, assim como por terem sido estimuladas por pais e/ou cuidadores bem orientados.

Beneficiaram, também, os pais e/ou cuidadores destas crianças, pois estes se sentiram instrumentalizados para promoverem avanços no desenvolvimento infantil de suas crianças com deficiência visual. Orientações que levaram pais e/ou cuidadores a reconhecerem as potencialidades das crianças, as peculiaridades do desenvolvimento de cada uma, a descobrirem a importância da estimulação para a minimização de atrasos no desenvolvimento motor e visual infantil, favorecendo, pelo brincar, a independência e a autonomia de suas filhas.

Referências

- ALVES, M.; KARA-JOSÉ, N. A criança deficiente visual. In: ALVES, M. R.; KARA-JOSÉ, N. *O olho e a visão: o que fazer pela saúde ocular das nossas crianças*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 98-103.
- BOTEGA, M. B. S.; GAGLIARDO, H. G. R. G. *Intervenção precoce na deficiência visual: o que fazemos?* Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 46-50, 1998.
- BRUNO, M. M. G. *Saberes e práticas da inclusão: dificuldades de comunicação e sinalização: deficiência visual*. Brasília, DF: MEC; SEESP, 2004.
- BRUNO, M. M. G.; MOTA, M. G. B. *Programa de capacitação de recursos humanos do ensino fundamental: deficiência visual*. Brasília, DF: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial, 2001. v. 1. Fascículo I-III. (Série atualidades pedagógicas, 6).
- BUENO, S. T. Motricidade e deficiência visual. In: MARTIN, M. B.; BUENO, S. T. *Deficiência visual: aspectos evolutivos e educativos*. São Paulo: Ed. Santos, 2003. p. 145-154.
- CAVALCANTE, A. M. M. *Educação visual: atuação na pré-escola*. 1995. Disponível em: <http://www.ibcnet.org.Br/Nossos_Meios/RBC/PUBLIC/RevSet1995/Artigos3.doc>. Acesso em: 18 maio 2007.
- FUENTE, B. E. Atendimento precoce. In: MARTIN, M. B.; BUENO, S. T. *Deficiência visual: aspectos evolutivos e educativos*. São Paulo: Ed. Santos, 2003. p. 161-175.
- GAGLIARDO, H. G. R. G.; NOBRE, M. I. R. S. *Intervenção precoce na criança com baixa visão*. Revista de Neurociências, v. 9, n. 1, p. 16-19, 2001.
- GOLDBERG, L. G.; YUNES, M. A. M.; FREITAS, J. V. *O desenho infantil na ótica da ecologia do desenvolvimento humano*. Revista Psicologia em Estudo, Maringá, v. 10, n. 1, p. 97-106, jan./abr. 2005.
- GONÇALVES, H. A. *Manual de metodologia da pesquisa científica*. São Paulo: Avercamp, 2005.
- GONÇALVES, V. M. G.; GAGLIARDO, H. G. R. G. *Aspectos neurológicos do desenvolvimento do latente de baixa visão*. Temas sobre Desenvolvimento, São Paulo, v. 7, n. 40, p. 33-39, 1998.
- MASINI, E. F. S.; GASPARETTO, M. E. R. F. *Visão subnormal: um enfoque educacional*. São Paulo: Vetor, 2007.
- McWILLIAM, P. J.; WINTON, P. J.; CRAIS, E. R. *Estratégias práticas para a intervenção precoce centrada na família*. Porto, Portugal: Porto Editora, 2003.
- MOTTA, M. P.; MARCHIORE, L. M.; PINTO, J. H. *Confecção de brinquedo adaptado: uma proposta de intervenção da terapia ocupacional com crianças de baixa visão*. O Mundo da Saúde, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 139-145, abr./jun. 2008.
- PÉREZ-RAMOS, A. M. Q.; PERA, C.; MAIA, M. A. *Brinquedos e brincadeiras para o bebê nos seus dois primeiros anos de vida: manual de orientação*. São Paulo: Vetor, 1995.
- RODRIGUES, M. R. C. *Psicomotricidade e deficiência visual: estimulação precoce*. In: FERRERA, C. A. M.; RAMOS, M. I. B. (Org.). *Psicomotricidade: educação especial e inclusão social*. Rio de Janeiro: Wak, 2007. p. 63-87.
- ROSA, M. V. F. P. C.; ARNOLDI, M. A. G. C. *A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para validação dos resultados*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- SIAULYS, M. O. C. *O brincar para todos*. São Paulo: Laramara, 2006.
- SILVA, S. M. M. da. *Brincar na família: benefícios dos guias de orientação para pais ou cuidadores de crianças com deficiência visual na 1ª infância em São Luís-MA*. 2009. 1399 f. Relatório de Pesquisa (Pós-Doutorado em Educação Especial) – Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.